

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD 61028

O GOVERNO TEMPORAL DAS MISSÕES E O PADRE ANTÔNIO SEPP

Mansueto Bernardi

Dentre os trezentos filhos de Santo Inácio, cujas ossadas aguardam, no território das antigas Missões do Paraguai e do Uruguai, o dia da ressurreição, um dos mais beneméritos é sem dúvida alguma o Padre Antônio Sepp.

Antônio Sepp von Rehegg nasceu aos 22 dias do mês de novembro de 1655, em Kaltern (Caldaro), perto de Brixen, no vale do Etsch, província do Tirol. Com a idade de 19 anos, em 1674, entrou para a Companhia de Jesus. Antes, havia feito parte dos Meninos-Cantores da Corte de Viena, instituição plurissecular, de fama universal, que ainda recentemente visitou Porto Alegre, por coincidência sob a direção de um von Sepp, provavelmente um consanguíneo do missionário. Depois de graduar-se em filosofia e teologia, professou o Padre Antônio Sepp a cadeira de retórica em diversos seminários da Província Germânica Superior e, em 1691, com a idade de 36 anos, portanto, atraído pela sua vocação apostólica, embarcou para a América do Sul, tendo sido destinado à Província Jesuítica do Paraguai, a qual abrangia, dentre outras nações agora independentes, a Argentina, o Uruguai, o Paraguai e parte do Brasil, então colônia de Portugal. Conforme se depreende do seu interessantíssimo livro *Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*, seguiu o Padre Antônio Sepp diretamente para a Missão de Japejú, onde, entretanto, permaneceu pouco tempo, sendo, em seguida, transferido, como coadjutor, para a Missão de São Miguel, no atual Rio Grande do Sul. Durante o largo espaço de 41 anos, o Padre Antônio Sepp missionou no vale do Uruguai, onde teve ensejo de fundar a "redução" (*) de São João Batista, cujas ruínas ainda subsistem e onde desenvolveu uma atividade multímoda, que enche de admiração e assombro a quantos a estudam sem preconceitos sectários, étnicos ou políticos. Por todos os motivos, a sua obra, acima referida, faz parte, hoje, do patrimônio cultural do Rio Grande do Sul e bem andou o ilustre escritor Rubens Borba de Moraes, ao incluí-la na **BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA**, vol. XI, editada pela Livraria Martins, de São Paulo, da qual é diretor.

Quem lê sem prevenções deformantes a *Viagem às Missões e Trabalhos Apostólicos*, que os estudiosos brasileiros tiveram ensejo de conhecer graças às diligências do eminente historiador germânico dr. Wolfgang Hoffmann Harnisch, pode assistir, passo a passo, dia a dia, não só à prodigiosa obra desenvolvida pelos Padres Jesuitas nas duas margens dos rios Uruguai, Paraná e Paraguai, mas também aos tra-

*) Povoados de índios já cristianizados ou "reduzidos" à vida cristã.

balhos de toda ordem executados individualmente por um sacerdote, que sem nenhum favor já foi incluído na categoria dos gênios universais. Resumindo-lhe a biografia, o eminente historiador argentino Guilherme Furlong escreve textualmente que "Antônio Sepp constituía o assombro dos seus contemporâneos, tanta era a sua habilidade, assim na música e na pintura, como na escultura e na arquitetura."

Por seu turno, o maior dos historiadores sul-riograndenses, Aurélio Pôrto, assim condensa a vida e a obra do insigne missionário inaciano:

"A vida do Padre Antônio Sepp é a história da própria fundação de São João Batista. Sua atividade multiforme, sua inteligência privilegiada, suas profundas virtudes cristãs e sua fé inabalável ficam ali assinalando as raízes da alta civilização que o seu espírito criador soube imprimir aos destinos do Povo, nas obras que executou.

Em São João Batista jorra, de fornos primitivos, o primeiro ferro que se fundiu nas Missões; tempera-se o aço que vibra na sonoridade dos sinos; sobem ao céu os sons harmoniosos do primeiro órgão que se fabrica; edifica-se uma cidade modelar cujo casario, alinhado e bem-posto, abriga exemplares famílias cristãs ao serviço de Deus e da sociedade primitiva; ergue-se um templo majestoso, rico de alfaia e de artísticas ornamentações com seus altares de talha dourada e um púlpito com estátuas douradas e embutidas de madrepérolas; e se estendem as vastas oficinas, onde artistas de toda espécie burilam retábulos famosos, pintam quadros notáveis, esculturam estátuas magníficas, lavram colunas do templo, e fabricam os mais variados instrumentos musicais, enquanto os calígrafos, prestimosos e hábeis, copistas inimitáveis, nos legam os seus trabalhos, que honram a civilização jesuítica.

Por outro lado, proliferam as sementeiras, plantam-se extensos pessegueirais e laranjais, adornam-se as hortas de variadas espécies vegetais, cultivam-se ervas hortenses, e pelos campos das estâncias os gados constituem o mais alto patrimônio do povo, a que fornecem carne, leite e seus derivados.

Toda essa organização reflete a atividade do Padre Antônio, as suas iniciativas em todos os setores do trabalho material, intelectual e moral, orientadas pela fé profunda que o afasta mesmo da órbita traçada pelo tempo à ação jesuítica, o que o leva aos maiores dissabores, sofridos resignadamente pelo amor de Deus e desses filhos que amou carinhosamente.

Não cabe aqui detalhar a ação do Padre Sepp e sua influência para o apogeu da civilização artístico-industrial dos povos das Missões. Mas, de sua vida e obras ressaltam qualidades tão excepcionais de inteligência, cultura e virtudes cristãs, que se o pode, nessa segunda fase da vida missionária, erguer à altura dos grandes apóstolos Boroa, Taño, Cristóvão de Mendoza, Roque González e outros, que constituem essa galeria que exorna de glórias e virtudes, em seus primitivos tempos, a Companhia de Jesus, em terras do Rio Grande do Sul." (Aurélio Pôrto, *História das Missões Orientais do Uruguai*, Livraria Selbach, Pôrto Alegre, 1954, II vol., pgs. 79 e 80).

Os dois julgamentos acima transcritos, expressos por dois historiadores de indiscutível merecimento e autoridade intelectual e moral, constituem, por assim dizer, o próprio "juízo de Deus na voz da História", para utilizar o verso famoso do Imperador Pedro II, aplicado à vida e aos trabalhos apostólicos do Padre Antônio Sepp.

Falando do missionário tirolês sob outro ponto de vista, afirma o Superior das Missões do Paraguai, em sua Anua de 1753, existente em

manuscrito na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, incorporada à Coleção de Angelis:

"Foi devotíssimo da Virgem Santíssima e de Santo Antônio de Pádua, seu especialíssimo advogado, por cujo patrocínio lhe sucederam alguns casos mais que naturais. Estando o Padre Antônio a fundar o Povo de São João Batista, aconteceu um dia prender fogo em um monte de palha recolhida para cobrir as casas dos índios, em cujas imediações se havia amontoado grande quantidade de madeira para as construções e da qual o fogo se aproximava, ameaçando gravíssimo dano. Avisado do acontecimento, saiu o Padre do seu aposento, levando nas mãos uma imagem da Virgem, que havia trazido da sua província e conservava sempre diante de si. Com ela abençoou o fogo, cheio de fé, e de repente se apagou o incêndio, livrando assim a madeira.

"Em outra ocasião, em que fazia um pálio rico para levar o Viático aos enfermos, sucedeu que a tela não alcançava as dimensões da guaranição que devia prendê-la. O Padre-companheiro mediu-a quatro vezes, juntamente com os índios que o auxiliavam, e vendo que era escassa, avisou ao Padre Antônio. Acudiu este prontamente e depois de medir muitas vezes o pano, chegou à conclusão de que era realmente escasso. Mas não perdeu a confiança em seu portentoso advogado; encomendou o caso a Santo Antônio e tornando a medi-la ia dizendo em voz alta: "Santo Antônio! Santo Antônio!" Ao chegar ao ponto em que o Padre-companheiro notara a falta da fazenda, viu o Padre Antônio que esta em suas mãos se multiplicara milagrosamente por intercessão do Santo, de sorte que não só alcançou a medida necessária como ainda sobrou, motivo por que o Padre-companheiro e os índios que com ele estavam ficaram pasmados e o Padre Antônio, isto vendo, se recolheu para dar graças ao seu benfeitor. Sucedia ainda, algumas vezes, que faltavam alguns índios do Povo, os quais, por sua natural inconstância, procuravam fugir. Escrevia então o Padre num papel o nome de algum lugar e mandava outro índio àquela paragem, em busca do fugitivo. Ia o índio, que anteriormente já percorrera a mesma paragem sem encontrar o fugitivo, mais para cumprir a ordem do que na esperança de encontrá-lo e, com grande admiração, no local que o papel indicava, descobria o fugitivo, por inspiração do Santo a quem o assunto ia encomendado.

"Tinha o Padre Antônio muita confiança em alcançar de Deus, pelas orações das inocentes crianças guaranis, quanto necessitava, especialmente chuvas, quando as secas ameaçavam as perdas das sementeiras. Nesse caso se dirigia às mães indígenas e lhes ordenava que dessem uns leves açóites em seus filhos inocentes, prevenindo-as que oferecessem a Nosso Senhor e à Virgem Santíssima aquela mortificação, pedindo-lhes chuva. As índias obedeciam, as crianças sofriam e Nosso Senhor concedia, pela inocência penitenciada, o favor que solicitavam. Um caso sucedido no Povo da Cruz foi especial e teve por testemunhas todos os moradores daquele numeroso aldeamento. Havia seca, a qual durava já muito tempo. O milho estava apodoadado, que é justamente quando mais necessita de água, sem a qual se perde infalivelmente. Sucedeu, nesse ínterim, a morte de uma criança e o Padre Antônio convocou todos os músicos para enterrá-la com excepcional solenidade. Ao entregar o corpo à sepultura, tomou-o o Padre em suas mãos e, em presença de todos, começou a falar com o inocente defunto, pedindo-lhe que rogasse a Deus por chuva, para que não se perdessem as sementeiras. Dizia-lhe ponderasse que seus irmãozinhos

e irmãs inocentes necessitavam de comida na terra e por isto não os esquecesse, quando fôsse gozar das delicias do céu. A estas palavras o Povo inteiro se enterneceu e o próprio Padre não pôde represar as lágrimas, prognóstico sem dúvida de outra água mais copiosa que durou tôda a noite seguinte com admiração de todos.

"Era o Padre Antônio um bom músico e, quando menino, por sua bela voz, foi levado à Capela Imperial de Viena. Nas Missões empregou essa arte em serviço de Nosso Senhor, ensinando os índios a compor em seu idioma guarani muitas canções religiosas, para incutir-lhes piedade, e eles se alegravam muitíssimo em louvar a Deus em sua língua nativa. Não obstante o zelo das almas o ter trazido da Europa para as Missões, estando entre os índios, dedicado ao bem dêles, não esqueceu as almas dos que além-mar ficaram, especialmente as dos hereges da Alemanha, pois o tempo que tinha disponível de suas muitas ocupações e alguns momentos da noite, empregava-os em escrever vários exemplos e casos de edificação que sucederam aqui entre os índios, para que se tornassem conhecidos e lhes abrandassem a indiferença.

Dedicou êsses trabalhos aos hereges da Alemanha, onde, antes de vir para as Índias, havia ensinado retórica e cujos originais estão guardados na província da Germânia Superior. Além disso, em língua francesa se imprimiu uma carta sua, que é a última do tomo XI das *Lettres Edifiantes*." (A. P. op. cit. pg. 76-78).

Os trabalhos e perseguições que por seu zelo sofreu o Padre Antônio não foram poucos, mas um excedeu a todos: foi um falsíssimo e gravíssimo testemunho com que o demônio tentou impedir o grande fruto que colhia entre êstes pobres índios, tirando muitas almas de suas garras. Pôs uma nódoa em sua pureza angélica, e passou o caso tão adiante, que, com desonra, foi afastado do Povo em que era cura, mas não permitiu Nosso Senhor que o inferno tivesse mais poder que a verdade, que logo se descobriu, graças à prudência dos Superiores, sendo o Padre reintegrado com honra no mesmo posto, de que a mentira o havia afastado. E neste e nos demais trabalhos demonstrou o Padre tal resignação, que nunca se lhe ouviu queixa alguma, nem antes nem depois do fato, e nem mesmo a ninguém confiou os seus padecimentos, pois a todos dizia que se sentia grato a quantos haviam contribuído para as suas mortificações, por que dessa forma bastante lhes ficara devendo. Prosseguiu, pois, com a mesma aplicação no amanhã dessa vinha do Senhor como se nada houvesse sucedido e confessam os missionários seus confidentes que, perguntado se o motivo desses sofrimentos poderia modificar o seu zelo, respondeu que por nada deixaria de praticar o que lhe parecia ser agradável a Deus."

Após ter exercido uma incansável e prodigiosa atividade, em prol dos seus semelhantes e especialmente da nação guarani, o Padre Antônio Sepp faleceu aos 16 de janeiro de 1733, na aldeia de São José, República Argentina, contando 77 anos de idade, 58 de Companhia, e 41 de apostolado nas Missões, a maior parte dêstes últimos decorridos no território dos Sete Povos do Uruguai, hoje pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul.

Morreu tranquilamente, como um verdadeiro santo, dizendo, pouco antes de exalar o último suspiro, ao sacerdote que o estava assistindo: "Graças ao Senhor! Parece-me que todos os meus trabalhos, de qualquer espécie, nenhum outro motivo tiveram senão o amor de Deus."

(Aurélio Porto — Obra citada, pág. 79).

* * *

Êsses trabalhos, todos executados pelo Padre Antônio Sepp Ad maior *Dei gloriam*, simplesmente pelo amor de Deus, eram de duas espécies: uma de natureza religiosa, pertinente à difusão da doutrina cristã, consoante o mandamento do Divino Mestre e outra de ordem política, econômica, administrativa, temporal. Aquela era fundamental, específica. Esta era secundária, imposta pelas circunstâncias do meio e do tempo, a fim de quartear e assegurar o êxito daquela.

Quando o governador e capitão-general das províncias do Rio da Prata, Dom Francisco de Céspedes, cometeu, no ano de 1626, à Companhia de Jesus a incumbência de explorar a região do Tape e reduzir os seus habitantes à fé cristã, fê-lo nos seguintes termos, que não admitem duas interpretações:

"Dom Francisco de Céspedes, governador e capitão-general das províncias do Rio da Prata, por Sua Majestade etc. Por quanto tenho feito à Companhia de Jesus entrega, em nome de Sua Majestade e meu, das províncias do Uruguai, para que atenda à redução dos seus naturais e à conversão à santa fé católica, obediência e serviço da real majestade, e isto se há de conseguir por meio das reduções e povoações que os Padres da dita Companhia não de ir fazendo dos ditos naturais, dou-lhe, em nome de Sua Majestade, ampla faculdade e poder sem limitação nem restrição alguma, para que façam e fundem tôdas as reduções que puderem e ponham nelas os caciques e justíças que lhes pareçam, em nome de Sua Majestade e meu, dando-lhes vara e autoridade, tôda a que julgarem ser conveniente, para o serviço de ambas as Majestades.

E porque pode ser que Nosso Senhor abra a porta à dita Companhia de Jesus para entrar em outras províncias distantes do Uruguai, que não pertençam determinadamente a outro distrito ou governo: dou-lhe a mesma faculdade e licença para que, em nome de Sua Majestade e meu, tomem posse das ditas províncias e procurem reduzi-las ao conhecimento da santa fé católica e obediência de Sua Majestade e façam tudo quanto acima fica dito e me vão dando aviso do que fizerem, pedindo a ajuda e socorro necessário, que eu acudirei em pessoa, se preciso fôr." (Padre Luís Gonzaga Jaeger, SJ. — *Os Três Mártires Rio-grandenses*, Livraria Selbach, Porto Alegre, 1951, 2.ª Ed. págs. 175 e 176). Quem, portanto, depois da leitura de tão solenes documentos, ainda ousa falar em usurpação de poderes, em república independente, em "Império Jesuítico do Paraguai", ou falta deliberadamente à verdade ou não sabe o que está dizendo. O que ocorria, no caso do governo das Reduções, por parte dos Jesuítas, era o que, em direito constitucional, se denomina uma simples delegação de poderes, exercida, aliás, sempre com a máxima prudência e lealdade, como a Côte de Madrid reconheceu e proclamou, por mais de uma vez. O que a Companhia de Jesus tinha substancialmente em mira, ao fundar centenas de reduções nas selvas do Novo Mundo e especialmente na bacia do Rio da Prata, era a Conquista espiritual dos nativos para o reino de Cristo. Ela só aquiesceu em atender também ao governo temporal das mesmas reduções, quando verificou que, sem uma forte e permanente base econômica e política, a catequese resultaria inútil. Foi assim que, além do espiritual, ela passou a se encarregar também do temporal.

"Quando os índios das nossas Reduções possuem a economia suficiente para a sua manutenção, — informa o provector missionário José Cardiel — os Padres pouco ou nada cuidam do temporal, como acontece em alguns Povos do México e do Perú. Todo o empenho consiste

no espiritual. Mas quando a sua economia não é suficiente, exercitam-se mais nas obras de misericórdia corporais, cuidando de suas fazendas, de seus haveres comuns, etc., dirigindo-os nos tratos, ensinando-lhes todos os ofícios repúblicos; e se não se fizer assim, os índios não assistirão à igreja, não cumprirão as suas obrigações de cristãos. Destarte os Padres juntam o temporal com o espiritual, umas obras de misericórdia com as outras, porque, nestes povos, não se consegue o bem de suas almas nem se alcança o espiritual sem o temporal. Se o temporal vai bem, o espiritual progride; se mal, o espiritual vai mal: voivem aos montes, bosques e campos, em busca de caça e frutas silvestres e assaltam estâncias de gado. Causam muitos danos sem ordem nem concôrto; desbaratam a propriedade comum; não regressam às doutrinas durante muito tempo e alguns nem durante anos, vivendo uma vida pouco menos que de infiéis. Quando se trata de nação vagabunda de índios cavaleiros, então precisa ser ainda maior o cuidado do temporal, para que subsistam". (Padre José Cardiel — **Declaração de la verdad**, Buenos Aires, 1900, pgs. 271 e 272).

Eis a razão por que a Companhia de Jesus se viu na contingência de assumir, a par do religioso, o govêrno administrativo das Missões.

Nessa conformidade, começou por instituir os cabildos, compostos dos melhores elementos de cada Doutrina, eleitos democraticamente, sendo que a eleição do corregedor, cargo êsse mais ou menos correspondente ao de nossos prefeitos, dependia sempre da confirmação do governador espanhol da provincia. Introduziu o gado vacum, lanigero e cavalari e estabeleceu as primeiras estâncias no Rio Grande do Sul, fonte ainda hoje de nossa principal riqueza. Incrementou a agricultura, ensinando aos índios os mais eficientes métodos de cultura. Instalou oficinas e fábricas de toda espécie, inclusive de fundição de ferro e aço. Industrializou a erva-mate, que era o café e o vinho dos nossos índios e com o produto da sua venda pagavam o tributo devido ao Rei e se abasteciam de tudo quanto lhes era necessário. Em resumo, um século antes dos Portugueses emprenderem a conquista do nosso litoral, os Jesuítas estabeleceram nas Missões um colar de cidades que faziam o assombro de todos.

A alma de toda essa organização, de toda essa civilização, muito anterior à nossa civilização litorânea, consoante mostrou e demonstrou o historiador João Ribeiro, em crítica à História do Rio Grande do Sul, do venerando Padre Carlos Teschauer, era sempre o padre missionário. Ele era o pai, a mãe, o tutor, o defensor, o professor, o médico dos índios, sem o conselho e audiência do qual nada se fazia, sem a direção do qual nenhuma iniciativa conseguia vingar. Foi êle que abriu as primeiras escolas de religião, as primeiras escolas de ler, escrever e contar, as primeiras escolas de música, as primeiras escolas de artes e ofícios em nosso Estado. E os primeiros hospitais para os enfermos. E os primeiros asilos para mulheres, espécies de casas de recolhidas e albergues do Bom Pastor.

Em épocas de epidemias, os Missionários instalavam hospitais de emergência, nas proximidades das Reduções. Em tempos normais os enfermos eram atendidos por visitantes domésticos, denominados **curuzuiás**, os quais percorriam todas as ruas das Reduções, duas vezes por dia, visitando os enfermos, levando-lhes remédios e alimentos, provendo para que tivessem toda assistência material e espiritual que fôsse necessária. Havia de quatro a oito **curuzuiás** em cada redução e assim se chamavam pelo fato de trazerem sempre consigo, em suas visitas domiciliares, uma cruz de dois metros de altura e grossa como

o dedo polegar. **Curuzuiá** quer dizer crucífero, o que carrega a cruz. Quando necessário, êsses **curuzuiás** eram também, às vezes, cirurgiões, arte que haviam aprendido com os Irmãos leigos, que entendiam de medicina e dentre os quais a história registrou os nomes de Pedro Montenegro, Sigismundo Aperger, Joaquim de Sibília, José Brasanelli e Braz Gutiérrez.

Existia em todas as reduções uma casa de refúgio, chamada **Cotiguaçu**. Segundo se vê na **Organização Social das Doutrinas Guaranis**, cap. XIII, do Padre Pablo Hernández, S. J., era o edifício ou estabelecimento de refúgio, dito também **Casa das Recolhidas**. Estava situado geralmente na praça maior, separado da igreja, de sorte que de um lado desta estava o **cotiguaçu** e do outro o cemitério, a casa dos Padres, o pátio paroquial e o pátio das oficinas. Destinava-se a abrigar todas as viúvas da Redução, que ali queriam viver, as quais formavam uma espécie de comunidade governada por uma superiora, geralmente anciã. Quando precisavam sair, não o faziam senão juntas. Moravam também no **cotiguaçu** as mulheres dos que andavam foragidos ou em viagem de longa duração, se na Doutrina não possuíam pais ou parentes, em cuja companhia pudessem viver melhor, assim como as viúvas, cujo procedimento era suscetível de provocar escândalo. Eram finalmente recolhidas ao mesmo estabelecimento as mulheres que deviam cumprir alguma pena de reclusão, imposta pelas autoridades.

As recolhidas viviam no **cotiguaçu** a expensas da comunidade, ou **Tupambaê** e retribuíam o favor recebido ajudando a fiar os tecidos para o povo.

Na categoria dos estabelecimentos de assistência social, mantidos pelos Guaranis, pode também incluir-se a hospedaria, em que eram alojados os forasteiros, que chegavam às Reduções. Essa hospedaria se denominava **Tambo** e tinha capacidade para alojar convenientemente não só os mercadores que demandavam as povoações, mas também espaço para expor as suas mercadorias. Ali afluíam os índios que desejavam comprar ou trocar alguma coisa, assim como os encarregados dos armazéns do **Tupambaê**, vale dizer da comunidade. Todas as transações se efetuavam à vista do cura ou do seu coadjutor, para evitar explorações, nessa espécie de feira ou mercado. Enquanto os mercadores permaneciam no **Tambo**, eram sustentados a expensas do **Tupambaê**, mas, conforme prescreviam as Leis de Índias, emanadas da Corte de Madrid, ninguém podia permanecer ali mais do que três dias sem exceção alguma, salvo naturalmente as autoridades civis ou eclesiásticas, em visitas de inspeção, quando não se hospedavam na Casa ou Colégio dos Padres.

Como se trabalhava nas Reduções? Segundo as vocações e as aptidões de cada um. Uns eram agricultores, outros pastores, outros artifices, outros artistas, outros enfermeiros, outros zeladores, outros fiscais e todos obedeciam à direção e voz de comando do Cura, que supervisionava tudo e que por isso mesmo era o verdadeiro chefe da Redução. Os que trabalhavam nas oficinas para a comunidade tinham os seus trabalhos de campo executados pelos agricultores. Assim também os que andavam viajando, por conta da Redução ou a serviço do Rei, fôsse para combater inimigos internos ou externos, fôsse apenas para exercer vigilância nas fronteiras do pago. Ou ainda para acompanhar os produtos, erva-mate sobretudo, que as Reduções iam anualmente vender em Santa Fé e Buenos Aires.

Cada família reduzida, quer dizer aldeada, recebia para seu cultivo

um lote, chácara ou sítio particular, cujos produtos lhe pertenciam exclusivamente. Era o *Abambaè* ou seja literalmente o campo do homem. Simultaneamente com o *Abambaè* existia o *Tupambaè*, ou campo de Deus, domínio coletivo que era cultivado por todos e especialmente pelos rapazes e raparigas e cujo produto se recolhia a um depósito ou armazém comum, para ser oportunamente distribuído entre todos, inclusive naturalmente os enfermos, os velhos, os pobres, os inválidos, os órfãos, as viúvas e os que se ausentavam, a serviço da comunidade e do Rei. O conjunto dos *Abambaès* pertencentes às famílias de cada tribo ou taba existente na Redução se denominava *Tabambaè*. A ida e vinda para as chácaras ou sementeiras se efetuava sempre ao som de tambores e outros instrumentos musicais, sendo conduzida em precisão uma imagem de Santo Isidro, que, enquanto durava o amanho da terra, era pôsto debaixo de uma ramada. O produto das estâncias de criação, dos algodoais e dos ervais era também recolhido ao *Tupambaè*, a fim de ser, durante o ano, repartido entre todos, trocado ou vendido. O horário de trabalho era inferior a oito horas. Não havia polícia nas Reduções e os castigos, que se impunham, como ocorre em tôdas as sociedades humanas, eram aplicados pelas autoridades civis, sempre mediante audiência do Cura. Eram públicos e tinham um caráter de correção paternal. Consistiam em alguns açoites, que os pacientes recebiam sem humilhação nem revolta, conscientes de que os mereciam, tanto que, aplicada a pena, iam beijar a mão do Cura, em sinal de agradecimento pelo ensino recebido. Em século e meio de existência, nunca se verificou nas Missões a execução de uma pena capital.

No tocante à propriedade, qual era o regime imperante nas Reduções? Tem-se dito e repetido, com certa insistência, no decorrer do tempo, que imperava nas Missões o regime comunista. Mas êsse asserto está longe de corresponder à verdade. *Teschauer*, na sua *História do Rio Grande do Sul*, *Pablo Hernández*, na *Organização Social das Doutrinas Guaranis*, *Cardiel*, na *Declaração da Verdade* e na sua *Carta-Relação das Missões*, *Muriel*, na *Relação das Missões*, dentre muitos outros, demonstraram à saciedade o sem-fundamento dessa asserção. No preâmbulo à *Delaración de la verdad*, assevera, por exemplo, em síntese, o historiador *Pablo Hernández*: "Ninguno como el P. Cardiel ha hecho percibir cual es la verdadera clave de la civilización guaraníca. Los jesuitas comprendieron bien que sin reducción à pueblos primero, y à vida en algún modo civil, era imposible hacer de los indios buenos cristianos; y por hacerlos buenos cristianos, no perdonaron à trabajo, ni à sudor, ni à sangre, hasta reducirlos à pueblos. Conocieron por la experiencia, que es segura maestra de la vida, que en la condición aniñada de los indios era imposible la vida social sin parte de comunidad; y la establecieron en cuanto era necesaria". (Pág. 150).

Ai está. O desleixo, a incúria, a preguiça, o nomadismo, a imprevidência, a dissipação dos índios é que impuseram a socialização parcial da propriedade e dos meios de produção, não como regime básico e definitivo, mas como um recurso de emergência, destinado a evitar um mal maior.

O que imperava nas Reduções, em verdade, era nada mais nada menos que a essência da caridade cristã, que nós hoje chamamos de solidariedade. E por êsse motivo o insigne *Lodovico Antônio Muratori* via reproduzida nas Reduções Jesuíticas do Paraguai a imagem da Igreja primitiva. "O que se relata nos *Atos dos Apóstolos*, cap. IV, v. 32, acêrca da primitiva Igreja, isto é, que a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma, o mesmo acontece entre os indígenas daque-

las Missões. Em santa paz e amoravelmente vivem êstes aqui assim como irmãos; não ocorrem homicídios e raras são as rixas e discórdias. Raras as demandas civis e, quando surge uma, é logo dirimida pelos juizes competentes. Ao pobre, cada qual porfia em socorrê-lo, e há recursos da Comunidade para atender aos necessitados" (*II Cristianésimo felice*, pg. 72).

— "Não é menor do que a espiritual a felicidade temporal, que usufruem os índios catequizados nas províncias da América Meridional: felicidade que muitos europeus, afeitos ao luxo, à grandeza e aos prazeres, talvez não considerem como tal, mas que, julgada à luz dos verdadeiros princípios, efetivamente ali se encontra. A liberdade bem dada, a suficiente provisão de alimento, vestuário e alojamento, a paz pública, e a tranqüilidade de espírito, constituem, a meu ver, os verdadeiros e sólidos ingredientes da felicidade de um povo" (*Idem* pg. 81). E pouco mais adiante: "Observemos agora o que influi para manter entre êstes povos a felicidade acima descrita. Aos olhos e juizes dos nossos europeus só parecem felizes os que exercem postos de destaque, possuem muita roupa e muito dinheiro, vestem luxuosamente e podem adornar lautamente as suas mesas. Com opostas normas se regem as pequenas Repúblicas dos Indígenas do Paraguai. Exatamente porque não têm ambição ou desejos de honrarias, que lhes mordam os corações; porque possuem o que basta ao seu sustento e não buscam o luxo e se contentam com pouco, se julgam bem tratados pela divina Providência, e vivem num sossêgo admirável. Não têm escravos, como ocorre em tantas outras regiões dominadas pelos espanhóis; não têm patrões, aos quais precisem servir e que os maltratem. Cada um é patrão em sua casa; cada um tem a sua roça, chácara, ou sementeira, — domínio que é seu ou pelo menos a êle emprestado pela Missão, — a fim de que se torne seu tudo quanto êle all recoihe, sem necessidade de repartir alguma parte com o Príncipe. Quem é mais esforçado, solícito e assíduo ao trabalho, tanto maior utilidade extrai para si e os seus". (*Idem*, pg. 89).

Havia, pois, nas Missões Jesuíticas do Paraguai, do Paraná e do Uruguai, a par da propriedade coletiva, do *Tupambaè*, uma relativa propriedade particular: particular era a casa que cada um habitava, particulares as rédes e os utensílios domésticos, particulares os frutos do trabalho de cada família, etc. Só não era particular, individual, aquilo que o índio, pela sua infantilidade, imprevidência, curteza de vista e espírito de dissipação, não estava em condições de prover e gerir. Ai então intervinha o Estado, representado pelo Missionário. Isto corresponde exatamente à doutrina social da Igreja, constante das modernas encíclicas pontificias, as quais mandam que seja feito pelo Estado aquilo que a iniciativa privada não está em condições de fazer.

Em suma, conforme escreve lapidarmente o grande *Muriel*, no tocante ao problema da propriedade, o que havia entre os guaranis, administrados pelos missionários, era "um regime misto de bens comuns e de propriedade privada". Política e constitucionalmente falando, o que a Companhia de Jesus, com surpreendente sucesso, fêz, nas Missões ditas do Paraguai, foi um puro ensaio de governo democrático corporativo, orgânico, solidarista ou cristão.

Que é democracia corporativa, orgânica, solidarista ou cristã? É o regime que se inspira, para a sua constituição ou funcionamento, nos versículos do Evangelho de Cristo. Por que corporativa? Porque a sociedade, para gozar uma perfeita saúde e um permanente equilíbrio, deveria organizar-se à semelhança dos membros do corpo huma-

no, sempre solidários e interdependentes entre si, mas subordinados e dirigidos por uma só cabeça.

Sua essência é o mandamento máximo de Cristo: "Amai-vos uns aos outros. Amai a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a vós mesmos". Dai o entendimento. Dai a solidariedade. Dai a convivência e a caridade. Dai a colaboração, a harmonia e a paz.

É no capítulo 12 da I Epístola aos Coríntios que o Apóstolo São Paulo expõe e justifica, à luz da revelação, a necessidade imprescindível do mútuo auxílio, colaboração e concerto entre os membros do corpo humano e, analogicamente, dos membros do corpo social, para o fim de alcançar um fim útil comum. Eis as suas palavras textuais:

— "Sobre os dons espirituais, não quero, irmãos, que vivais em ignorância. Há repartição de graças, mas um mesmo é o Espírito. E os ministérios são diversos, mas um mesmo é o Senhor. Também as operações são diversas, mas um mesmo Deus é o que obra tudo em todos. E a cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito. Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; a outro, porém, a palavra da ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro a fé, pelo mesmo Espírito; a outro a operação dos milagres; a outro a profecia, a outro o discernimento dos espíritos, a outro a variedade das línguas, a outro a interpretação das palavras.

Mas todas essas coisas obra só um e mesmo Espírito, repartindo a cada um como quer. Porque assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, ainda que sejam muitos, são contudo um só corpo, assim também é Cristo. Porque num mesmo espírito fomos batizados todos nós, para sermos um mesmo corpo, ou sejamos judeus, ou gentios, ou servos, ou livres, e todos temos bebido em um mesmo Espírito.

Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. Se disser o pé: por que não sou mão, não sou do corpo, acaso deixa ele por isso de ser do corpo? E se a orelha disser: uma vez que eu não sou olho, não sou do corpo, por ventura deixa ela por isso de ser do corpo? Se o corpo todo fôsse olho, onde estaria o ouvido? Se fôsse todo ouvido, onde estaria o olfato? Deus, porém, pôs os membros no corpo assim como quis. Se todos os membros, porém, fôsem um só membro, onde estaria o corpo? Mas a verdade é que são muitos os membros e um só o corpo. Assim, o olho não pode dizer à mão: Eu não necessito do teu préstimo, nem tão pouco a cabeça pode dizer aos pés: Vós não me sois necessários. Antes, pelo contrário, os membros do corpo, que parecem mais fracos, são os mais necessários.

E os que temos por mais vis membros do corpo, a êsses cobrimos com mais decôro, e os que em nós são menos honestos, os recatamos com mais decência, porque os que em nós são mais honestos, não têm necessidade de nada, mas Deus atemperou o corpo, dando honra mais avultada àquele membro que a não tinha em si. Para que não haja cisma no corpo, mas antes conspirem mutuamente todos os membros a se ajudarem uns aos outros".

Transposto o maravilhoso ensinamento paulino do plano religioso para o terreno político, teremos a mais completa explicação e definição de democracia cristã, orgânica, corporativa ou solidarista, que se possa imaginar.

Expressa, embora mais sucinta e singelamente, idêntica é a lição de Santo Agostinho: — "Os membros de um mesmo corpo são solidários nos acidentes que sucedem a um deles. Quando um espinho penetra no pé, os olhos procuram vê-lo, a língua informa-se dele, o corpo se

contraí e a mão se move para arrancá-lo. Assim devemos proceder com o nosso próximo."

Tal o núcleo do regime que os Padres Jesuitas implantaram nas Missões, com estrita observância das leis emanadas da Corte de Madrid. Tal ainda o segredo de sua admirável prosperidade espiritual e temporal.

* * *

Um dos mais ativos construtores e propulsores dessa prosperidade, que era ao mesmo tempo econômica e política, industrial e agrária, artística e religiosa, foi sem dúvida alguma o Padre Antônio Sepp von Rechegg. Lendo, no ano de 1950, a preciosa *Viagem às Missões e Trabalhos Apostólicos*, de autoria daquele benemérito missionário, verifiquei, na Introdução, escrita pelo dr. Wolfgang Hoffmann Harnisch, que existia no Brasil um manuscrito dele, intitulado *Algunas advertencias tocantes al gobierno temporal de los Pueblos en sus fábricas, sementeras, estancias y otras faenas*. Não só isso, o que já seria muito, mas ainda mais, que semelhante manuscrito permanecia inédito e estava em poder do historiador dr. Alberto Lamago, que sobre ele escrevera algo, na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Por estranha coincidência, no ano de 1913, de regresso de uma viagem à Europa, eu tive ensejo de travar relações de intercâmbio intelectual e de amizade com o ilustre autor da *Terra Goitacá*. Lembrei-me então de escrevê-lhe, pedindo-lhe possivelmente o fornecimento de uma cópia do referido manuscrito, que interessava particularmente aos estudiosos do Rio Grande do Sul. Respondeu-me, sem demora, que não podia me atender, pelo fato de haver vendido a sua Brasileira, que incluía o manuscrito do Padre Sepp, ao Governo do Estado de São Paulo, estando hoje a mesma incorporada à biblioteca da Universidade daquela metrópole. Segunda coincidência. Era magnífico reitor da Universidade de São Paulo o eminente jurista prof. Miguel Reale, com o qual muitas vezes eu tratara nos órgãos diretores da Ação Integralista Brasileira. Renovei o pedido e, mais ou menos um mês depois, tive a grata surpresa de receber, pelo correio, um envelope contendo um microfilme e uma cópia fotostática do manuscrito em apêço. São 22 páginas de texto, escritas do próprio punho do Padre Sepp, na Redução de São José, no dia de Santo Antônio de Pádua, aos 13 dias do mês de junho de 1732. Seu formato é de 13 x 11 e contém Instruções ministradas pelo benemérito missionário a jesuitas recém-chegados às Reduções, orientando-os acerca dos trabalhos temporais que deviam executar e mandar executar, a fim de que resultassem profícuos: *Dividem-se em capitulos assim intitulados: Fábricas — Texas — Texado — Chácaras y sementeras. Algodonales — Sementares — El maíz — Yerbales — Estancias — Obexas — Trásquila — Repartición de novillos y toros a la gente — Como se han de distribuir los indios en todas sus faenas — Adobes — Carretillas — Traer palos grandes al Pueblo — Quemar texas — Viña — Podarlos — Vindemia — Coçimiento — Tráséga del vino — Tener sandias y tunas de un año al otro — Modo de sembrar maíz para que tengan choclos hasta Mayo que comer — Chains — Tabaco — Transplantar — Quando se han de atar los bueyes para el trabajo — Hilar — Texer — Para hacer buen pan aun en tiempo de frio.* —

Como se verá, ao primeiro golpe de vista, do sumário transcrito, pelas Instruções ou Advertências do Padre Antônio Sepp, será possível agora reconstituir a vida econômica das Reduções, saber os seus mé-

